boletim da CONSCIÊNCIA NEGRA

APEOESP
SINDICATO DOS PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
Filiado à CNTE e CUT

Coletivo Anti-racismo "Milton Santos"

20 de Novembro de 2017

Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

É com orgulho que a APEOESP leva às escolas a edição 2017 do Boletim da Consciência Negra, neste momento tão complexo para o País e, especialmente, para a Educação.

Em tempos de "escola sem partido", é essencial que os professores busquem informação e inspiração na diversidade étnica e religiosa, que é uma das características mais marcantes do Brasil.

O Boletim aborda a sentença do Supremo Tribunal Federal sobre o ensino religioso nas escolas, que fere a necessária separação entre Igreja e Estado. A decisão do STF acontece em meio a uma onda crescente de ataques contra religiões, como a umbanda e o candomblé, e seus praticantes.

Também em pauta, um assunto recorrente e cada vez mais dramático: o genocídio da juventude, especialmente dos mais pobres e afrodescendentes. Pesquisa recente revela que 43 mil adolescentes poderão ser assassinados no País até 2021, se a inclusão escolar e o investimento nesta faixa etária não melhorarem.

O golpe institucional que o Brasil sofreu afeta todos os pilares sociais e econômicos, como revela a recente e chocante portaria do Ministério do Trabalho que dificultaria a punição de empresas que submetessem trabalhadores a condições de escravidão.

Em meio a tantas atrocidades, o Boletim da Consciência Negra apresenta o Projeto Escola sem Racismo e também repercute as vozes que estão desafiando os conservadores e escravocratas do século XXI, como a da professora Diva Guimarães, revelação da Flip 2017, e do ator Lázaro Ramos.

A APEOESP pretende com esta publicação contribuir para o trabalho dos professores empenhados na construção de uma nova narrativa sobre a escola pública e seus desafios neste momento crucial da História.

Ensino religioso ou doutrinação e intolerância?

A recente permissão dada pelo Supremo Tribunal Federal para que as religiões possam ser ministradas nas escolas públicas brasileiras, não necessariamente por professores, tornou-se o tema mais debatido entre os especialistas em Educação por representar um ataque brutal ao conceito de Estado laico.

Em uma apertada votação, o STF rejeitou, no dia 27 de setembro, uma Ação que determinava que o ensino religioso deveria ter como conteúdo apenas uma apresentação geral das diversas religiões, ministrada por professores, em respeito aos ideiais de uma escola moderna, com ambiente de aprendizagem baseado nas Ciências e Culturas e não em dogmas.

Só nas escolas públicas

Além de seguir ideais conservadores de projetos, ironicamente chamados de 'escola sem partido', a decisão do Supremo colabora para o acirramento de divergências religiosas e é válida somente para as escolas públicas.

Ou seja, quem pode pagar mensalidade em escolas particulares não será submetido à doutrinação religiosa porque tem garantido o direito à Educação laica.

Há ainda um outro problema: a decisão do STF abre a possibilidade de parcerias entre Estados e Municípios com entidades religiosas, já que a disciplina poderá ser ministrada por líderes religiosos, não necessariamente com formação acadêmica.

Esta modalidade de ensino é especialmente nociva às minorias, como as religiões de matriz africana. Afinal, uma das bancadas mais atuantes no Congresso é exatamente a bancada evangélica, que faz pregações explícitas contra a umbanda e o candomblé.

O ódio e a violência

A aprovação de pautas retrógradas oficializa um racismo que já está fazendo vítimas na sociedade brasileira. Terreiros e líderes das religiões afro estão sendo perseguidos, inclusive com destruição de seus locais de culto.

No último mês de setembro, circulou nas redes sociais um vídeo em que uma mãe de santo é ameaçada e obrigada por traficantes a quebrar o próprio terreiro, localizado no Rio de Janeiro, cidade que registrou só nos últimos dois meses quase 40 casos de intolerância religiosa.

Mas, os ataques não são recentes; em 2015, uma menina de 11 anos levou uma pedrada ao sair de um culto do candomblé. Também não estão limitados geograficamente. Em São Paulo, foram registrados quatro ataques com vítimas nos últimos meses.

"O ódio parte de quem? De quem bate tambor para os orixás ou de quem acha que é normal jogar pedras em uma criança ou obrigar uma idosa a quebrar o próprio terreiro?", questiona a escritora Stephanie Ribeiro, em coluna na Revista Marie Claire.

Em todos os casos, a denúncia ao Ministério Público é importante para que haja o enquadramento como crime de intolerância religiosa e não apenas como ameaça ou agressão. *Leia mais sobre diversidade religiosa na página 3.*

Conheça o Escola sem Racismo

CNTE

Professores ativistas apresentam o Projeto Escola sem Racismo

Dirigente da APEOESP, a professora Anatalina Lourenço é uma das idealizadoras do Projeto Escola sem Racismo, que a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação vai levar para todo o País.

Ao lado da professora Roseane Ramos, secretária de Igualdade Racial do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás, Anatalina apresentou o projeto durante encontro do Coletivo AntiRacismo da CNTE, realizado em Brasília, no dia 12 de outubro.

"A Educação precisa de um projeto político-pedagógico que não seja eurocêntrico e que envolva ações de combate ao racismo, em contraponto à escola sem partido", defende Anatalina Lourenço.

Ainda durante o evento, a Secretária de Combate ao Racismo da CNTE, Ieda Leal, lançou o Projeto Encontro sem Fronteiras, que prevê debates coletivos sobre temáticas negras, com a participação dos sindicatos.

Participe: A APEOESP está na 14ª Marcha da Consciência Negra, que elegeu como tema a luta contra o racismo e o genocídio: por um projeto político de vida para o povo negro. A concentração para a Marcha de 20 de novembro será a partir das 13 horas, no vão livre do Masp.

Veja ainda nesta edição:

- Escravidão e ração - pg. 2
- O Mapa da Desigualdade - pg. 2
- Guerra contra a juventude - pg. 3
- Atentado na Somália - pg. 3
- Diversidade religiosa - pg. 3
- A pele que habito - pg. 4
- Tributo à Educação - pg. 4
- Dicas culturais - pg. 4

A **compra** de votos com **escravos**

"Trocar votos no Congresso pela licença ao trabalho escravo é caso para ser levado à Corte Internacional. É um crime contra a humanidade'' – Jornalista e escritor Xico Sá

Acervo ABL

Gravura de Jean-Baptiste Debret de 1835 ilustra a relação entre senhores e escravos que faziam serviços domésticos na casa-grande.

Em incontestáveis provas de retrocesso, o trabalho escravo e a ração humana na merenda escolar voltaram a ser assunto no Brasil, neste segundo semestre de 2017.

Em uma negociata para garantir a defesa de Michel Temer no Congresso, o Ministério do Trabalho publicou no dia 15 de outubro uma portaria que dificultaria a punição de empresas que submetessem trabalhadores a condições degradantes e análogas à escravidão.

"O Brasil deixa de ser referência no combate à escravidão", decretou imediatamente a Organização Internacional do Trabalho, em coro com todos que não pertencem ao agronegócio, às empreiteiras ou às entidades industriais, que são os setores interessados nas restrições à fiscalização do trabalho.

Os protestos quase unânimes levaram o STF a suspender temporariamente a portaria, através de uma decisão anunciada pela ministra Rosa Weber no dia 25 de outubro.

Demissão

Antes de publicar a portaria, com graves violações tanto à legislação nacional quanto a compromissos internacionais firmados pelo País, Temer demitiu o chefe da Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo, André Roston.

Sob o comando de André Roston, a Divisão havia finalizado uma nova 'lista suja', com 132 nomes de empregadores de todo o País, que submetem trabalhadores a condições degradantes.

Atento principalmente aos interesses do agronegócio e dos ruralistas, o governo decidiu dificultar a fiscalização e deixar a cargo do próprio Ministério a inclusão de empresas na chamada 'lista suja', que engloba aqueles que desrespeitam os direitos trabalhistas.

Em agradecimento, no dia 26 de outubro, 55% dos votos a favor de Temer, na acusação de corrupção e formação de quadrilha, foram da Frente Parlamentar Agropecuária, braço institucional da bancada ruralista, que tem sido presenteada ainda com medidas que prejudicam os povos indígenas e as unidades de conservação ambiental.

Repercussão

As manobras do governo aconteceram em indiferença total a condenações veementes. A ONU foi notificada por diversas entidades que denunciaram "o mais violento ataque contra o sistema de combate ao trabalho escravo no Brasil".

O Sinait (Sindicato dos Auditores-Fiscais do Trabalho) comandou uma greve da categoria por considerar completamente ilegal a decisão. "Só faltou dizer que é preciso ter correntes para definir trabalho escravo. Não faltam mais evidências de que o governo está do lado de quem explora o trabalho escravo e não de quem é explorado'', denuncia o presidente do Sinait, Carlos Silva.

Ração

A Prefeitura de São Paulo foi protagonista de outro atentado contra a dignidade e a inteligência da população. Em um projeto batizado de 'alimento para todos', o prefeito João Dória apresentou um granulado para ser distribuído como merenda nas escolas municipais e na Assistência Social da capital.

Obtido a partir de sobras processadas de alimentos próximos ao vencimento, a comida com o aspecto de ração revoltou mães, alunos e professores. O Conselho Nacional de Segurança Alimentar se declarou contrário à ração, que está sendo investigada pelo Ministério Público.

Por pressão da sociedade civil organizada, o prefeito paulistano desistiu do projeto alimentação para todos.

Brasil tem 160 mil escravos

Estima-se que existam hoje aproximadamente 160 mil pessoas trabalhando em condições análogas à escravidão, no Brasil. Os dados são da ONG Walk Free Foundation, que apura o Índice Global da Escravidão.

As primeiras denúncias de trabalho escravo contemporâneo no País foram apresentadas na década de 1970 à Comissão Pastoral da Terra, mas o Brasil só reconheceu oficialmente o problema em 1995, quando foram criados órgãos para combater o crime e resgatar trabalhadores escravizados.

Segundo o Observatório Digital do Trabalho Escravo no Brasil, entre janeiro de 2003 e abril de 2017, 43.428 trabalhadores foram resgatados em condições degradantes; sendo que 48,37% deles eram pardos, 32,72%, brancos, 13,62% negros e 5,29% indígenas.

Você sabia que ... o Cais do Valongo recebeu, no último mês de julho, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade? O Cais, localizado no Rio de Janeiro, foi o principal porto de entrada de escravos nas Américas ao longo de três séculos e o título concedido pela Unesco visa destacar a relevância do local, como símbolo da violência que a escravidão representa.

Sugestão de aula

➲ "A elite do atraso: da escravidão à lava-jato'' - No seu mais novo livro, lançado pela Editora Leya, o sociólogo Jessé Souza revela o pacto dos donos do poder para manter o abismo social, que sustenta os privilégios da elite às custas da maioria da população.

➲ Promovida pela Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo, a Campanha Somos Livres parte do princípio de que 'trabalho escravo não é apenas cárcere privado com vigilância armada'. O objetivo é alertar a população para esta grave violação dos direitos humanos e defender o conceito legal desse crime, ameaçado por projetos em tramitação no Congresso Nacional. Informe-se no site http://somoslivres.org/

➲ Embaixador da Organização Internacional do Trabalho, o ator Wagner Moura empresta sua voz a um jovem que começou a cortar cana quando tinha apenas dez anos de idade. na versão brasileira da Campanha "50 for Freedom", uma mobilização contra a escravidão moderna. O objetivo é pressionar líderes mundiais a ratificar o Protocolo da OIT sobre trabalho forçado. Para assistir o vídeo e assinar a petição, acesse http://50forfreedom.org/pt/

➲ O Programa "Escravo, nem pensar!" aborda os desafios das escolas de São Paulo no atendimento aos migrantes e refugiados. Idealizado pela ONG Repórter Brasil, o Programa realizou um mini-documentário e oficinas de formação para envolver professores e estudantes na abordagem dos temas da migração internacional e do trabalho escravo em sala de aula. Acesse:.http://escravonempensar.org.br/

Abismo da **desigualdade**

O Mapa da Desigualdade 2017, realizado pela Rede Nossa São Paulo, mostra que os mais pobres morrem antes, não apenas vítimas de violência. O Mapa revela que a cidade mais rica da América Latina abriga bairros com expectativa de vida semelhante a Dinamarca, que tem os melhores índices do mundo, e Nigéria, que tem umas das piores taxas do Planeta.

O morador dos Jardins, área nobre da capital, por exemplo, vive em média 23,7 anos a mais do que o do Jardim Ângela, no extremo sul da capital.

Segundo o levantamento, divulgado no dia 24 de outubro, há uma abissal desigualdade entre os bairros paulistas em questões como habitação, número de vagas em creches, equipamentos esportivos e centros culturais.

Muitos dos 38 indicadores avaliados neste Mapa da Desigualdade impressionam: 33 bairros paulistas não possuem sequer um leito para internação hospitalar. Mais de metade dos bairros não tem centro cultural, museu ou cinema. Só 11 bairros não têm favelas, enquanto 1/3 dos distritos têm mais de 10% dos seus moradores nestas áreas.

"O que a gente percebe é que a desigualdade é cumulativa, ela não é apenas por renda. Tem desigualdade nos serviços de saúde, educação, segurança e saneamento", explicou o coordenador-geral da Rede Nossa São Paulo, Jorge Abrahão.

Pesquisas retratam exclusão e **guerra** contra os adolescentes

Os jovens mais pobres e, majoritariamente negros, continuam sendo vítimas de extermínio nas periferias brasileiras. De acordo com pesquisa da Unicef, quatro em cada mil adolescentes serão assassinados antes de completar 19 anos, sobretudo nos estados do Nordeste.

O Índice de Homicídios na Adolescência é resultado de uma parceria com o Ministério dos Direitos Humanos, o Observatório de Favelas e o Laboratório de Análise da Violência, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa realizada em 300 municípios utiliza dados de 2014, que são os mais recentes disponíveis. Projeções a partir destas estatísticas indicam que, se as condições que prevaleciam em 2014 não mudarem, até 2021, o País pode perder aproximadamente 43 mil adolescentes.

Fatores de risco

O Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado no dia 30 de outubro, também mostra números assustadores: 2016 foi o ano mais violento da história. O Brasil atingiu recorde de mortes violentas; foram sete por hora; 61.619 homicídios no ano, que registrou ainda uma elevação de 25,8% na letalidade policial.

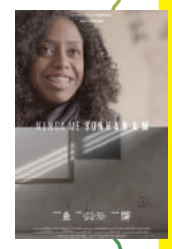
O perfil dos mortos em ocorrências policiais em 2016 apresentado pelo Anuário do Fórum de Segurança confirma as probabilidades de um adolescente ser vítima de violência letal, apontadas pela Unesco: 82% tinham entre 12 e 19 anos e 76% eram negros.

Investimento em Educação

O Fundo das Nações Unidas para a Infância recomenda iniciativas em quatro setores para reduzir os índices de homicídios entre a juventude brasileira.

O mais importante é o investimento em educação, garantindo que todos estejam na escola. As Nações Unidas estabelecem ainda como metas a melhoria dos serviços públicos nas periferias, a proteção de familiares de adolescentes assassinados ou sob risco de homicídio e o investimento em políticas de segurança.

Sugestão de aula



➲ O título do documentário "Nunca me sonharam", foi extraído do depoimento do estudante Felipe Lima. Cearense da zona rural, ele pressentia que poucos apostariam no seu futuro. No mesmo filme, uma jovem sentada na escada de uma escola da periferia de São Paulo, se pergunta "se sobrará alguma coisa desta sociedade para a sua geração".

Histórias como essas, sobre a educação brasileira e, especialmente, o Ensino Médio, são o foco do documentário do diretor Cacau Rhoden, que pode ser assistido gratuitamente na Plataforma Videocamp: http://www.videocamp.com/pt

➲ O "Relatório das Desigualdades de Gênero, Raça e Classe" do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa da UERJ reúne análises sobre vários temas, alguns deles específicos da área de educação. O trabalho é baseado na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios. Acesse no site http://gemaa.iesp.uerj.br/

Imprensa **ignora atentado** na Somália

Um atentado terrorista ocorrido em 14 de outubro deixou mais de 400 mortos e outras centenas de feridos em Mogadíscio, capital da Somália. O País sofreu ainda duas novas investidas terroristas posteriores, em outubro

O atentado, atribuído ao grupo extremista al-Shabaab, é considerado um dos maiores desde os ataques ao World Trade Center, em Nova York, em 2001.

No entanto, a ofensiva de um caminhão cheio de explosivos detonado em um País africano e muçulmano não teve cobertura maciça da imprensa internacional e nem despertou comoção e campanhas nas redes sociais, como atentados recentes em Los Angeles, nos Estados Unidos, onde 58 pessoas foram mortas, e na Europa. O atentado na Somália não mereceu plantões jornalísticos de hora em hora, hashtags na internet, reportagens especiais, nem fotos de perfis em apoio no Facebook.

Agência Reuters

País africano é alvo de ataque, em movimentada área da sua capital

ESCOLA SEM EDUCAÇÃO

A Justiça Federal suspendeu no dia 25 de outubro a regra do Enem. que estipulava nota zero para os estudantes que desrespeitassem os direitos humanos na redação. A decisão, que considera a punição desproporcional, atende parcialmente a um pedido da Associação Escola Sem Partido, que acredita que anular a redação de um candidato que dissemina mensagens de ódio e defende ideias preconceituosas é uma atitude injusta.

Responsável pela aplicação do Enem, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) detalha no Guia 2017 o que considera desrespeito aos direitos humanos: "... determinadas ideias e ações serão sempre avaliadas como contrárias aos direitos humanos, tais como: defesa de tortura, mutilação, execução sumária e qualquer forma de "justiça com as próprias mãos", isto é, sem a intervenção de instituições sociais devidamente autorizadas (o governo, as autoridades, as leis, por exemplo); incitação a qualquer tipo de violência motivada por questões de raça, etnia, gênero, credo, condição física, origem geográfica ou socioeconômica; explicitação de qualquer forma de discurso de ódio (voltado contra grupos sociais específicos).".

O desrespeito aos direitos humanos zerou 5,7% das redações no Enem 2016, cujo tema foi a intolerância religiosa.

ESCOLA DA PAZ

No Censo de 2010, 64,6% dos brasileiros se declararam católicos, 22,2% evangélicos, 2% espíritas, 3% se disseram praticantes de outras religiões e 8% sem religião.

O sincretismo religioso é uma característica tão presente no País que o Ministério da Cultura anunciou no dia 27 de outubro a criação de um grupo de trabalho para transformar a umbanda e o candomblé em patrimônios históricos, nacionais (pelo Iphan) e Mundial (pela Unesco).

Especialistas são unânimes ao defender que a Educação deve agregar todas essas diferenças e não impor crenças. Por isso, o Boletim da Consciência Negra da APEOESP apresenta aqui uma série de sugestões para que a diversidade religiosa seja respeitada e compreendida por alunos e professores.

Publicado pela Editora da USP, "Diálogo entre Filhos de Xangô" reúne 225 cartas trocadas entre os intelectuais franceses Pierre Verger e Roger Bastide. Apaixonados pelo Brasil e interessados no misticismo, Verger e Bastide tornaram-se adeptos e especialistas no candomblé.

Em excursão Pelo Brasil, o Grupo Corpo apresenta o Balé Gira, que celebra o caldeirão étnico do Brasil através de coreografias inspiradas no candomblé e, principalmente na umbanda. O Corpo é uma das mais bem sucedidas companhias de dança do Brasil.

A Edipro relançou o Tratado Sobre a Tolerância, de Voltaire, clássico iluminista sobre um país católico que condenou à morte um homem protestante. A história da prisão, tortura e morte de Jean Calas revela os perigos de um Estado religioso e da falta de respeito com as crenças do próximo.

A pele que habito nas reflexões da professora Diva Guimarães

Ao relembrar os episódios de racismo sofridos na sua época de estudante em um colégio de freiras, a professora paranaense Diva Gumarães tornou-se a maior celebridade da Festa Literária Internacional de Paraty de 2017.

Desde julho, o emocionado depoimento da professora de 77 anos durante o lançamento da biografia de Lázaro Ramos, que levou o próprio ator e a plateia às lágrimas, foi visto milhares de vezes na Internet. Diva Guimarães passou a ser abraçada, fotografada e convidada a contar sua história pelo Brasil.

Em conversa com o publicitário Tadeu Jungle na Casa TPM 2017, no último mês de agosto, Diva afirmou que apesar do preconceito que enfrentou em sua vida escolar, a possibilidade de aprender e se alfabetizar foi a coisa mais sensacional que aconteceu em sua vida.

"O ódio não leva a lugar nenhum", disse, citando Nelson Mandela, que inspirou sua trajetória. E, na Casa TPM, mais uma vez, a professora de Educação Física foi aplaudida de pé ao dar o seu recado: "negros, índios, não deixem de estudar, não abaixem a cabeça.".

Racismo em Português

Neta de escrava com português, Diva Guimarães estava, coincidentemente acompanhando na Flip, dois lançamentos literários essenciais para entender os problemas estruturais do racismo à brasileira. O ator Lázaro Ramos e a portuguesa Joana Gorjão Henriques estavam juntos no debate intitulado "A pele que habito".

Lázaro lançou "Na Minha Pele", biografia já considerada um dos grandes estudos sobre o racismo. O ator retrata, no livro da Companhia das Letras, não apenas as experiências de discriminação, mas a construção da sua identidade racial a partir de momentos de beleza e arte, como o desfile do Bloco Ile-Ayê.

Já a jornalista Joana Gorjão lançou "Racismo em Português", livro que revela a violência do colonialismo de Portugal, reponsável pela escravidão de 5 milhões de africanos.

Além de aumentar em 30% a participação de escritores negros, a Flip 2017 foi dedicada a Lima Barreto. Um das convidadas do evento, a historiadora Lilia Schwarcz lançou "Lima Barreto: Triste visionário" pela Companhia das Letras.

Tributo à Educação

No Dia dos Professores, a APEOESP promoveu na Avenida Paulista, na capital, o Tributo à Educação e lançou, com o apoio dos movimentos sociais, sindicais e estudantisl, o Movimento pela Qualidade da Educação Pública e pela Valorização dos Professores. O evento foi uma celebração da diversidade étnica, religiosa e de gênero, que reuniu shows do Bloco Ilú Obá De Min (composto somente por mulheres), de Chico César e da cantora e compositora Zélia Duncan, que ficou famosa em 1994 com as músicas "Catedral" e "Nos lençóis desse reggae".

Zélia Duncan, Chico César e Ilú cantam para os professores .

Jesus Carlos

Protagonismo negro

A atriz e cantora Zezé Motta será a homanegada da edição 2017 do Troféu Raça Negra. Seu nome foi anunciado durante o lançamento do Troféu e da FlinkSampa - Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, que terá como patrono o escritor Paulo Lins.

A Flink, que acontece entre os dias 16 e 18 de novembro, vai promover ainda um Seminário Internacional voltado para educadores com o tema "Ética e Estética - Educação Inclusiva no Século XXI". Inscrições através do site www.flinksampa.com.br

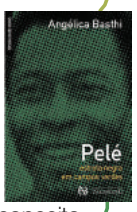
A atriz e o escritor são ícones da cultura negra no Brasil, com obras aclamadas, inclusive no exterior. Zezé é reconhecida internacionalmente por sua atuação em Xica da Silva, filme dirigido por Cacá Diegues em 1976, e referência para uma geração de mulheres negras. Já o carioca Paulo Lins é o autor de 'Cidade de Deus', cuja adaptação do cineasta Fernando Meirelles recebeu quatro indicações ao Oscar em 2004.

Afrobrás

Zezé Motta, Paulo Lins e organizadores do Troféu Raça Negra dão a largada para o Mês da Consciência Negra

Lins escreveu ainda outros livros essenciais sobre a construção da identidade negra, "Desde que o Samba é Samba", em 2012, e "Era Uma Vez... Eu!", em 2014.

Outras biografias



➲ "Pelé - Estrela negra em campos verdes", biografia escrita pela jornalista Angélica Basthi, conta a história do Atleta do Século, inspiração para negros de todo o Planeta. Sempre lembrado pela omissão diante da luta contra o preconceito, o jogador também tem sua infância e juventude retratadas no filme "Pelé - O Nascimento de uma Lenda", que estreou no Brasil no dia 26 de outubro.

➲ A biografia de Mahommah Gardo Baquaqua, que é o único registro conhecido feito por um ex-escravo do período colonial brasileiro, foi lançada pela Editora Uirapuru

➲ A Editora Novo Século publica "Dez passos para alcançar seus sonhos", livro que conta a história de Adriana, ex-faxineira, filha de migrantes, que se tornou juíza de Direito.

Acompanhe aqui outras dicas inspiradoras para o Mês da Consciência Negra:

APARELHA LUZIA: São Paulo tem um Centro Cultural de resistência afro. É o Aparelha Luzia, sede dos ensaios do Bloco Ilu Inã e ponto de encontro de artistas, intelectuais e grupos como "Os Crespos" e "Trança Teatro". O nome é uma referência aos 'aparelhos', que abrigavam os ativistas que enfrentaram a ditadura nos anos 60 e 70, e a Luzia, nome dado ao fóssil de 12 mil anos, que teria sido a primeira brasileira. Visite na na Rua Apa, 78, em Campos Elíseos.

CHICO BUARQUE - 'Caravanas' de Chico Buarque foi eleita a canção do ano no Prêmio Multishow 2017. A música, que

está no 23º álbum de Chico, fala do conflito entre o morro e o asfalto, em versos que fazem alusão à chegada dos moradores dos subúrbios às praias frequentadas pela classe média carioca.

MUSEU AFRO: As vésperas de completar 13 anos de existência, o Museu Afro Brasil anuncia sua programação para o Mês da Consciência Negra. O Museu, localizado no Parque do Ibirapuera, vai realizar, no dia 11 de novembro, o "Seminário LiteraSampa em Terras de Akpalôs", e entre os dias 22 e 26 de novembro, Intervenções Afroliterárias. Destaque ainda para as exposições "Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão" e "Barroco Ardente e Sincrético Afro-Luso-Brasileiro".

RAP & ESCOLA: A Editora Alameda acaba de lançar "O que o rap diz e a escola contradiz", livro sobre as relações entre a arte de rua e a cultura escolar. Trata-se da tese da pesquisadora Mônica do Amaral, que destaca a importância do respeito à diversidade étnica e cultural dos alunos para a renovação da educação pública.

expediente

Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Stenio Matheus de Morais Lima
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Richard Araújo
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes
Roberto Guido
Stenio Matheus de Morais Lima
Leandro Alves Oliveira
Silvio de Souza
Rita de Cássia Cardoso
Richard Araújo
Fláudio Azevedo Limas
Miguel Noel Meirelles
Francisco de Assis Ferreira
Paula Cristina Oliveira Penha

Texto e edição:
Ana Maria Lopes - MTb